

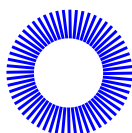
La casa como cuerpa

Christian Diego

Diretor Museo de Arte de
Ciudad Juárez, INBAL

Marcia Santos

CasaCentrox16
Ciudad Juárez, Chh
México



*La casa como cuerpa*¹ foi uma exposição realizada em conjunto com o coletivo Casa Centro por 16 (Cx16) e o Museo de Arte de Ciudad Juárez (MACJ), que faz parte do centro de trabalho da Secretaria de Cultura e do Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura em Ciudad Juárez, Chihuahua. A partir de seus eixos transversais de igualdade, diversidade e inclusão, esse espaço se abre à comunidade para o diálogo e a visibilidade de diferentes grupos locais, nesse caso apoiando questões museográficas e curatoriais que promovem a visibilidade de grupos feministas e da comunidade LGBTQI+.

Um dos principais objetivos do Museo de Arte de Ciudad Juárez é reforçar o papel que desempenha dentro da comunidade e, considerando a mudança de paradigma em torno desses espaços, torná-lo mais próximo de seu público, que desempenha um papel importante nessa localidade. Assim, foram desenvolvidos projetos artísticos e culturais que abordam a complexidade da fronteira, a partir de propostas sobre questões de migração, meio ambiente, paisagem, violência, identidade, diversidade e inclusão.

Por sua vez, o coletivo Cx16 tem sua origem em 2018 como um espaço seguro para artistas, curadores, gestores, promotores culturais e grupos historicamente discriminados. Desde sua concepção, seu principal objetivo tem sido contribuir para a transformação das dinâmicas de produção e promoção artística em Ciudad Juárez, buscando maior flexibilidade para promover

processos colaborativos dentro da própria comunidade criativa local.

Essa casa serviu como ponto de encontro para vários artistas, criadores e ativistas em diferentes eventos interdisciplinares nas áreas de artes visuais, artes cênicas, música, ciências sociais e arte urbana. O projeto foi mantido graças ao apoio e à colaboração das e dos participantes, principalmente por meio da arrecadação de fundos para manter o espaço em funcionamento. O Cx16 não se concentrava apenas em exposições de arte, mas também abria suas portas para palestras, oficinas, refeições, residências e visitas de estudos.

Esse dinamismo e as intenções de ambos os espaços levaram ao desenvolvimento dessa proposta de exposição. Com a curadoria de Marcia Santos, foi realizada uma seleção de artistas locais dissidentes que fizeram parte de diferentes atividades, propostas, oficinas e palestras realizadas anteriormente nas dependências do coletivo. Essas propostas formuladas tinham um fio condutor que se refletiu no processo criativo. Alguns dos artistas compartilhavam conceitos de identificação espacial e social e preocupações corporais: o corpo como resistência biopolítica e território.

O tema foi baseado na ideia de habitar, tanto um espaço físico quanto mental ou espiritual. O *corpo* é o primeiro lugar que habitamos; a *cuerpa* é nosso território pessoal, um território móvel. Além disso, há esse espaço, o território imóvel, onde nosso primeiro lar está abrigado: *nossa casa*. A casa é articulada como um espaço que contém as primeiras experiências do corpo, gera significados, modelos espaciais e de representação.

¹ N. da T.: Em espanhol, uma forma feminina criada a partir da palavra "cuerpo" (corpo), com o entendimento icônico de que o corpo da mulher deve ter um nome feminino. É de uso reivindicatório, não geral.



O texto da exposição (Santos, 2022) explica:

A casa expressa a estrutura do habitar em seus aspectos físicos e psíquicos. Poderia se pensar, por exemplo, que o quarto designado como cozinha tem certas características que fazem com que seja nomeado assim, pois essas qualidades representam o alimento, a nutrição, a mãe, a família, a convivência, etc. ... Assim como o porão, ele tem certas características que podemos atribuir ao nosso inconsciente, esse espaço que fica no fundo da nossa consciência.

[...]

O habitar reflete a imagem do indivíduo, ou seja, há uma personalização do ambiente, uma familiaridade entre o modo de ser e o modo de habitar. Isso dá um senso de autoafirmação, de tomar posse do mundo. O interior de um corpo habitável revela as estruturas da personalidade, o posicionamento em relação a si mesmo. Habitar é o resultado de um processo histórico, social e até mesmo tecnológico.

Participaram dessa exposição as seguintes artistas: Alexandra Rodríguez, Arminé Arjona, David Susana Hinostroza, Iris Díaz, Joana Ríos, Mairé Reyes e, postumamente, Isabel Cabanillas. Em seu processo criativo, elas desenvolveram diferentes contribuições e abordagens criativas para a maneira de habitar o espaço como suas próprias “corpas”.

A cuerpa no espaço íntimo

Joana Ríos (nascida em Ciudad Juárez, 1987)

Formada no Mestrado em Processos Criativos em Arte e Design pela Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, Joana é oficinaira, mediadora e artista têxtil. Também tem experiência em design de interiores, no qual desenvolveu um interesse em conceitos como espaço e artes têxteis a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Para Joana, o bordado é uma materialidade que nos permite mergulhar no espaço íntimo da casa como um tema pessoal e autobiográfico, que nos convida a refletir sobre as diferentes formas de habitar e onde os contextos são uma parte simbiótica da entidade que deles participa.

A peça que ela apresenta descreve uma procissão de vida em diferentes lugares, diferentes casas, onde ela sempre tentou abrir espaço para seu espaço íntimo. Para ela, esse espaço foi interiorizado por meio da escrita, um exercício que realizou por meio de seus diários pessoais: textos que são acompanhados por um contexto, um tempo específico que determina particularidades e etapas de sua vida. Como explica Ríos (2022): “A heterobiografia é outra forma de gerar uma biografia, uma narrativa de vida contada por meio do bordado, uma linguagem que historicamente fala do espaço doméstico, das relações intergeracionais ‘femininas’ e do cenário de diversas formas de habitar”. Na instalação, três colchas de cama intervieram com textos bordados na mesma tonalidade, analogia ao secretismo, interligados por um fio vermelho, pode-se dizer que o fio se agarra ao suporte, se justapõe, o ressignifica assim como as práticas que impregnam os espaços, lhe dão sentido e são capazes de descrever.

A cuerpa imóvel

Arminé Arjona (nascida em Ciudad Juárez, 1958)

Arjona é uma acupunturista e escritora juarense. Ela tem se destacado na esfera cultural fronteiriça desde o final do século passado – na maioria das vezes à margem das instituições – tanto pela agudeza de seus textos quanto por seu trabalho ativista. Entre seus trabalhos mais recentes estão: *Manufactura de sueños* (2012), *Sangre mía / Blood of mine* (2013) e *Ni una más: poemas por Ciudad Juárez* (2014). No campo das artes cênicas, colaborou com La Última Butaca, uma companhia de teatro de Juárez dirigida por Jissel Arroyo.



Aos 21 anos de idade, um acidente de esqui em Ruidoso, Novo México, inaugurou a longa jornada de Arminé por salas de cirurgia, culminando em sua própria cama de hospital em seu próprio quarto. A história de seu joelho, de sua “perna ferrada”, é uma história de diagnósticos errados e negligência médica, de injeções de cortisona, mais de 20 cirurgias e porosidade óssea. Suas rupturas de ligamentos e menisco são chamadas de tríade infeliz.

A cuerpo como um refúgio

Iris Díaz (nascida em El Paso, Texas, 1994)

Estadunidense e mexicana, fronteira, estudou temporariamente Artes Visuais na Universidad Autónoma de Ciudad Juárez por quatro anos, mas teve que abandonar os estudos para criar sua filha. Artista multidisciplinar, ela trabalha principalmente com fotografia, vídeo e desenho, misturando-os também com arte povera e reciclada. A partir de autoexplorações para descobrir o que ela é, lida com temas como a vida cotidiana, a memória, a solidão, a deterioração, o caos, o lar e a maternidade, às vezes abordando-os a partir do absurdo.

Para a exposição, Díaz trabalhou num livro de arte com a intervenção de sua filha e numa história sobre o lixo e a acumulação gerados em casa e a reciclagem como uma saída ideal para o desperdício, embora faça parte do entretenimento da família. A história, intitulada “*Los insectos que viven en mi casa*” (Os insetos que vivem na minha casa), conta a história de compartilhar um espaço íntimo com três insetos diferentes que foram encontrando em sua vida diária, construindo um quarto para eles, um espaço que compartilham com elementos reciclados dos mesmos resíduos usados pela família. A peça foi acompanhada de desenhos da casa em que vivem e de um poema escrito à mão por Iris, que reproduzimos aqui.

¿Como ocupar um espaço?²

Os novos espaços são como um estranho
que estamos apenas começando a conhecer
eles nos deixam desconfiados
mas também nos deixam curiosos;
se não os ocuparmos e não os preencheremos com
nossas próprias coisas
eles serão preenchidos com outras coisas,
de vazio, de coisas deixadas para trás
de fantasmas...
é preciso aprender a ocupar,
a se expandir pelo espaço
tocar cada canto
a compartilhar com o desconhecido
a dormir em cada canto
limpar todas as janelas
para deixar o vento entrar
para fechar todos os buracos,
você deixará cair seu cabelo durante o banho
e o ralo vai entupir,
você cozinhará e o óleo boiará
manchando o teto e as paredes
você chorará no chão
você andará nu de quarto em quarto
você caminhará com os olhos fechados
você se olhará no espelho e fará uma
careta que ninguém jamais viu
você olhará para o teto e se perderá na mancha,
nos dutos, nos fiapos e na poeira
você reconhecerá o espaço
você terá segurança para conhecer cada centímetro
então o espaço lhe dará um acordo,
se você cuidar dele, ele o protegerá
eles se moldarão sozinhos
então sua casa se tornará um lar.

2 Iris Díaz, El Paso, Texas / Ciudad Juárez, Chihuahua, abril de 2022



A *cuerpa* como transporte

Maire Reyes (nascida em Ciudad Juárez, 1995)

Formada em Artes Visuais pela Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, seu trabalho se baseia na análise das estruturas sociais que geram transgressão sexual e sexismo em relação às mulheres ao longo do tempo. Realizou projetos de pesquisa interdisciplinares sobre temas como memória, transporte público e fronteiras nos formatos de fotografia, instalação, *performance* e vídeo. Seu trabalho é autobiográfico e, por meio dele, Reyes reflete sobre si mesma e seu entorno.

A sua contribuição para a exposição *Casa como cuerpa* baseia-se numa instalação de arte de objeto: uma montagem simples baseada em num de corrimão de ônibus que representa a experiência de viajar no transporte público, todas as desventuras que isso implica e às quais qualquer usuário está inevitavelmente sujeito. Usá-lo não é a mesma coisa se você for homem ou mulher. No segundo caso, a pessoa é mais vulnerável a experiências de natureza sexual, que podem resultar não apenas em danos físicos, mas também emocionais. A transgressão às mulheres pelo fato de serem mulheres está mais suscetível. Vista como um objeto sexual, mesmo que apenas como um pedaço de carne exposto pendurado por um tubo que pode estar à disposição ou ser “tocado”.

A *cuerpa* ausente

Isabel Cabanillas de la Torre (nascida em Ciudad Juárez, 1993 - falecida em Ciudad Juárez, 2020)

Artista, estilista e ativista mexicana. Por meio de seu trabalho como artista, se expressou sobre a vida cotidiana, os memes, os direitos das mulheres, os migrantes, a não militarização e a defesa da terra. Em 2019, colaborou com a Rede Mesa de Mulheres de Ciudad Juárez no projeto “Observatório Cidadão de Justiça Especializado em

Gênero”, onde monitorou o Sistema de Justiça Criminal Acusatório e o acesso das mulheres à justiça.

No domingo, 19 de janeiro de 2020, seu corpo sem vida foi encontrado baleado no cruzamento das ruas Inocente Ochoa e Francisco I. Madero, no centro de Ciudad Juárez. A Promotoria Especial para Assuntos da Mulher informou que tomou conhecimento do incidente por volta das 3 horas da manhã de sábado, 18 de janeiro. Seu caso ainda está impune e, mais de dois anos depois, ninguém foi preso por seu assassinato.

Como homenagem, a exposição incluiu uma recriação de seu estúdio, com algumas das peças com as quais ela costumava trabalhar. O ateliê continha uma pintura, sua cadeira, uma mesa de trabalho, vários esboços, cadernos, referências bibliográficas e visuais, livros da artista e um código QR com um *link* direto para uma *playlist* que seus amigos e familiares compartilharam com músicas que lembravam a companhia de Isa.

A *cuerpa* como arma

Alexandra Rodríguez (nascida em Ciudad Juárez, 1995)

Artista visual fronteira, também graduada em Artes Visuais pela Universidad Autónoma de Ciudad Juárez. Concentra-se em usar a prática artística para encontrar maneiras de plantar e enraizar a *cuerpa* em espaços estereis e violentos, para que possa se apropriar deles e, assim, recuperar sua agência e qualidade de *cuerpa* viva. Isso por meio de ações comunitárias e coletivas daquelas pessoas que são rejeitadas, negadas e tornadas vulneráveis no espaço público. Seu trabalho apresenta combinações entre arte útil, escultura, mídia digital e instalação. Em seus projetos, Alexandra trabalha com o trajeto como uma forma de apropriação, atravessando espaços físicos e digitais com sua *cuerpa* e o de suas companheiras.

Em sua série “NO. *Herramientas para la autodefensa diseñada por una persona visualmente vulnerable*”



(NÃO. Ferramentas de autodefesa projetadas por uma pessoa visualmente vulnerável), Rodríguez apresenta três objetos de autodefesa construídos com vidro, fitas de proteção, *huacales*,³ pedras e outros elementos que foram recuperados durante diferentes caminhadas em espaços aparentemente perigosos em Ciudad Juárez. Esses passeios faziam parte de uma ação para o reconhecimento da cidade, usando a ação de caminhar como uma ferramenta de apropriação.

A cuerpa oscilante

David Susana Hinostriza (nascida em Ciudad Juárez, 1994)

Atualmente, está estudando para se formar em Artes Visuais na Universidad Autónoma de Ciudad Juárez. Formou-se no Centro Municipal de las Artes em 2014 como técnico em Artes Visuais. Hinostriza usa pintura, colagem e desenho para compor imagens que refletem uma busca constante por harmonia. Com uma grande diversidade, os temas que se destacam em seu trabalho são sua visão existencialista, seu medo da morte e um amor sublime pela vida, bem como sua experiência como uma pessoa *queer* e de gênero fluido.

Em sua obra *Diario: Estados de Género (1-100)* [Diário: Estados de Género (1-100)], Hinostriza apresenta uma instalação composta por 100 autorretratos, que foram tirados diariamente ao longo de 100 dias, referindo-se a um processo íntimo no qual, a cada noite, analisava sua identidade de gênero e as mudanças que surgiam em sua persona de gênero fluido (ou seja, se sentia-se mais feminina ou mais masculino, achava-se mulher ou homem ou não-binária, etc.) para então capturar uma imagem que englobasse o que ela chamava de seus “estados de gênero”.

³ *Huacal*: nome dado a uma cesta ou gaiola mexicana feita de junco ou palmeira para transportar alimentos. Também pode ser grafado como *guacal*.

Abertura e atividades alternativas

A abertura da exposição ocorreu em 6 de maio de 2022 e contou com a presença de cerca de 175 pessoas. A exposição permaneceu em exibição no Salão Sul do MACJ até 17 de junho do mesmo ano. Contou com um público de 2.673 visitantes, causando um impacto misto devido às questões envolvidas, pois, além de retratar questões muito pessoais de cada uma das pessoas envolvidas a exposição, incluiu eventos como o de Cabanillas, ainda muito recente para a comunidade, feridas ainda não cicatrizadas e questionamentos sobre a grosseria de alguns tópicos.

Além disso, a programação pública incluiu diferentes atividades, como oficinas de pintura para a comunidade LGBTQ+, palestras e *workshops*. Todos desenvolvidos por algumas das artistas, enriquecendo seus processos e temas com os participantes. Oficinas como “Manual de sobrevivência coletiva” e “Nossa *cuerpa* te acompanha” exploraram as preocupações de viver em contextos violentos e irregularmente planejados, como os de Ciudad Juárez. Apesar desses pontos, o processo de abertura de espaços e novas possibilidades de encontros teve um impacto positivo sobre a comunidade cultural local.

É de extrema importância abrir espaços para que jovens artistas tenham a oportunidade de desenvolver suas próprias preocupações e propostas.



Referências

Ríos, J. (2022). *El bordado: una heterobiografía del espacio íntimo*. [Instalação]. Museo de Arte de Ciudad Juárez, Chihuahua, México.

Santos, M. (2022). *La casa como cuerpo*. Centrox16. <https://centrox16.org/la-casa-como-cuerpa/>